



ÀS AVESSAS DE UM RECONHECIMENTO¹: crítica de Álvaro Lins sobre *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector

Dra. Iza Maria Abadi de Oliveira

Sim, mas não esquecer que para escrever não-importa-o-quê o meu material básico é a palavra. Assim é que esta história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evola um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases (Clarice Lispector, A hora da estrela, p. 14.).

Neste ensaio, produzido em comemoração aos oitenta anos da estreia de *Perto do coração selvagem* (PCS), de Clarice Lispector, será apresentada uma das primeiras recepções críticas da obra, a de Álvaro Lins, que se refere ao primeiro momento da obra da autora. Nesta direção, o norte será a interlocução da literatura com a psicanálise, através da crítica literária, analisando o estilo de escrita, propriamente, a questão da fragmentação da narrativa, bem como os temas do feminino, do inacabado e do narcisismo.

A obra de Clarice Lispector (1925-1977) inaugurou um novo estilo literário na literatura do Brasil. Desde seu romance de estreia, *Perto do coração selvagem*, de 1943 [1944], a autora apresentou uma escrita que subverte as formas tradicionais de narrativa, ocorrendo uma suspensão do padrão de representação tradicional. Sua maneira descontínua de narrar produz um dilaceramento na escrita, apresentando um fluxo introspeccionista e fragmentado, privilegiando a descontinuidade e a associação livre de ideias.

“Um romance bem feminino”

Sobre este texto de Álvaro Lins, escrito 1940, “A experiência incompleta: Clarisse Lispector” (sic), numa interlocução entre literatura e psicanálise, demonstraremos que o reconhecimento de um estilo, neste caso, um estilo literário,

¹ Este texto faz parte, com reformulações, de um capítulo da dissertação “A Fragmentação da narrativa em *A hora de estrela*” (2002), defendida no programa de Estudos Literários, na UFSM, sob orientação do prof. Jaime Ginzburg.



é constatado, por vezes, às avessas. Ou seja, tal como indica Olga de Sá, reconhecer um estilo nem sempre é situar os méritos. Também, nestas considerações podemos encontrar um diálogo da psicanálise, ao lado da crítica literária com a obra de Clarice.

Os trabalhos de Leila Perrone-Moisés inauguram no Brasil, a partir de 1970, a crítica literária de suporte psicanalítico. Desde então, estão sendo apresentados estudos importantes nesta interlocução de disciplinas (Brandão, 1996; Castelo Branco, 1989; Menezes e Rosenbaum, 2001). O trabalho, a seguir, está referenciado a este campo de pesquisa.

Embora se trate de um pequeno artigo, escrito em fevereiro de 1944, “A experiência incompleta: *Clarisse Lispector*”, do professor, jornalista e crítico literário, Álvaro Lins (1912-1997), em que escreve suas *impressões* sobre PCS, é um texto que apresenta pontos importantes para reflexão. Nestas considerações, circunscrevemos precisamente o tema do feminino e do inacabado.

Seu ensaio, dentro das primeiras críticas de recepção merece uma atenção especial, uma vez que, de uma *forma negativa*, reconhece o estilo da autora, antecipando marcas que se repetirão na fortuna crítica da obra de Lispector, de uma forma inovadora. Dentre eles, a literatura feminina, a introspecção, a presença da subjetividade da autora e o inacabado da obra².

Enquanto Robert Schwartz considera PCS “uma iluminadora reflexão artística sobre a condição humana” (1965, p. 41), situando a descontinuidade como a própria força da obra, Álvaro Lins refere isto uma fraqueza da obra, “... faltam-lhe, como romance, tanto a criação de um ambiente mais definido e estruturado quanto à existência de personagens como seres vivos” (1963, p. 191). No entendimento de Olga de Sá (1979) a crítica de Álvaro Lins representou uma contribuição muito mais positiva do que negativa, pois reconhece um novo estilo, mesmo não conseguindo situar seus méritos.

A vertente de interesse para a análise do texto de Álvaro Lins é, precisamente, a problematização de alguns conceitos que o mesmo utiliza e que permitem uma abertura de diálogo com a psicanálise, são eles, narcisismo, feminino e o caráter do

² Para um trabalho mais aprofundado da obra de Álvaro Lins, indicamos a dissertação de mestrado de Adélia Bezerra de Menezes (USP, 1965), “A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica”.



inacabado de uma obra. O propósito é demonstrar, através da análise destes pontos, pela via da psicanálise, como nesta crítica se encontra um reconhecimento às avessas.

Narcísico mundo feminino

Inicialmente, é oportuno destacar a maneira como Álvaro Lins escreve o nome de Clarice, *Clarisse*. Ele leu duas vezes *Perto do Coração Selvagem*. Isso evidencia que este lapso, sob a forma de um erro gráfico, não se justifica pela falta de familiaridade com o nome da autora, talvez, indique um ponto crucial naquele ensaio crítico do autor: o tema da autoria.

Álvaro Lins situa aquela obra de Clarice Lispector na categoria de literatura feminina³ e romance lírico, atribuindo a “presença visível e ostensiva” da personalidade da autora na protagonista Joana e, além disso, compara a produção de Lispector com a escrita de Joyce e Virginia Woolf, encontrando semelhanças entre esses autores. No entanto, Clarice Lispector, em duas cartas, uma a sua irmã, Tânia Kaufmann, e outra a seu amigo, Lúcio Cardoso, comenta que enviou uma carta a Álvaro Lins, informando que quando escreveu sua obra, não conhecia Joyce e nem Virgínia Woolf e “lera a ambos depois de estar o livro pronto” (*Correspondências*, 2002, p. 43).

Naquele dia, em seu apartamento novo, que de tão novo nada tinha ainda de seu, Clarice reconhecia que o que Álvaro Lins criticava era a característica maior de sua literatura. O seu defeito era na verdade a raiz de sua natureza de escritora. E seria a fonte maior de toda a sua obra. “Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso”, escreveu depois à irmã, Tania Kaufmann, entre caixas abertas, segredos e tesouros trazidos à tona cuidadosamente para não se partirem, “nunca se sabe qual deles que sustenta o nosso edifício inteiro”.

³ Os trabalhos de Lúcia Castelo Branco (1989, 1991, 1993) apresentam questões fundamentais sobre a escrita feminina. Outra referência importante é a *Revista Tempo Brasileiro* (RJ: Tempo Brasileiro, v.1, n.1, 1962) dedicado a esse tema.



Literatura feminina

Sobre a literatura feminina, o interesse deste texto é destacar como aquele crítico apresenta questões acerca do feminino. Primeiramente, situa que “os temperamentos femininos” não se ajustam às exigências de impessoalidade, próprio do realismo, como exemplo disso se refere a Flaubert. “As mulheres dispõem quase sempre de um potencial de lirismo que precisa dos livros pessoais de confissões, das obras capazes de as situar como centro do mundo. Acrescenta-se a isto o fenômeno do narcisismo, que é feminino no seu caráter essencial...” (1940 [1963] p.186).

Contudo, talvez Flaubert não seja propriamente um modelo de ausência de personalidade na obra, uma vez que o romance *Madame Bovary*, em que o narrador praticamente desaparece da narrativa, exemplo de realismo, nem por isso deixou de ser feita uma relação entre autor e obra, tanto que Flaubert foi processado, julgado por ofensas à moral, à família e à religião. De acordo com Nunes (1998, p. 46), quando ele apresenta a problematização das formas de narrativas tradicionais em *A hora da estrela* (HE), verifica: “O narrador de *A hora da estrela* é Clarice Lispector, e Clarice Lispector, tanto quanto Flaubert foi *Madame Bovary*, que permaneceu sempre, como autor por trás de seus personagens, Clarice expõe-se quase sem disfarce, exibindo-se, lado-a-lado, de suas criaturas”.

Aquela obra de Flaubert é apresentada no campo psicanalítico também como um texto exemplar no que se refere à ilustração da condição feminina do século XIX. Maria Rita Khel (1998, p. 16) analisa esse romance demonstrando como Flaubert “... percebeu, nos deslocamentos feitos pelas mulheres de sua época, que as teria levado a um tal desajuste em relação às posições femininas, a uma tal quantidade de ‘anseios fora do lugar’ que o resultado só poderia ter sido a produção de uma sintomatologia”. Essa inadaptação foi responsável pela produção da histeria, a neurose feminina que deu origem aos estudos freudianos. Isso aponta que mesmo Flaubert sendo um homem e escrevendo dentro do solo realista, não deixa de fora o “temperamento feminino” em sua escrita. Isso indica, também, a problemática de em correlacionar um estilo literário a uma condição sexual.



Outro ponto do texto de Álvaro Lins importante de ser destacado se refere ao narcisismo. Ele aponta que este “é feminino no seu caráter essencial” (p. 186). Observa-se, no entanto, numa perspectiva psicanalítica, que este fenômeno psíquico não está relacionado somente às mulheres, até porque Narciso era um homem, mas a todos os sujeitos. Assim como o narcisismo não se refere simplesmente à apreciação de uma imagem de si mesmo, mas um momento do processo de subjetivação. Em 1914, no texto “Narcisismo: uma introdução”, Freud apontou a estruturação psíquica se constituindo a partir da identificação com o outro. Isso é um processo no processo de subjetivação do humano, independentemente da posição sexual.

Quando Álvaro Lins (1940 [1963]) verifica que a obra de Lispector peca pelo seu excesso de “presença muito visível e ostensiva da personalidade da autora” e, “... logo se vê que as mulheres estão inclinadas de modo especial para essas formas literárias (*lirismo feminino*) que permitem as projeções mais diretas e sensíveis das suas personalidades” (p. 187), aponta o feminino como exclusivo do universo das mulheres, situando as correlações entre realismo-masculino, lirismo-narcisismo-feminino. Também, no que se refere ao feminino, verificamos que há uma referência atravessada pela moral burguesa do século XIX.

Espelhos partidos

Quanto à condição do moderno romance psicológico⁴ Álvaro Lins utiliza a metáfora de um espelho partido. Para ele, a arte do romancista consiste em dar unidade a essas partes. No entanto, para o autor PCS “está cheio de imagens, mas sem unidade íntima”. No seu entendimento, isso se deve à inexperiência da autora.

Há, com efeito, na Sra. Clarisse (*sic*) Lispector as forças interiores que definem o escritor e o romancista: a capacidade de analisar as paixões e

⁴ Tanto Antonio Candido quanto Benedito Nunes não consideram a literatura de Clarice dentro da categoria de romance psicológico, uma vez que sua narrativa não é uma descrição objetiva da experiência interior.



os sentimentos sem quaisquer preconceitos; os olhos que penetram até os cantos misteriosos do coração; o poder do pensamento e da inteligência; e sobretudo a audácia: audácia na concepção, nas imagens, nas metáforas, nas comparações, nos jôgo de palavras. O seu recurso de mais efeito é o monólogo interior, é a reconstituição do pensamento em vocábulos. Todavia, nessas ocasiões, torna-se ainda mais dramática a sua luta com as palavras; e também aí se sente mais tentada pelo verbalismo, o que representa uma solução às vezes fácil demais para quem está operando dentro de uma forma de arte complexa e difícil (1963, p. 191).

O autor atribui como características da literatura de Lispector a falta de unidade nas imagens que compõem a obra e aponta a introspecção como o recurso maior da autora através do monólogo interior, ou seja, da “reconstituição do pensamento em vocábulos”. Esse estilo ‘introspeccionista’ foi constatado por críticas posteriores, como as de Benedito Nunes e Luís Costa Lima (1986 [1970]). Este último, apresenta uma atitude semelhante à de Álvaro Lins. Ele reconhece Clarice como autora de romances introspectivos, sendo a obra *A paixão segundo G.H.* (PSGH) a consagração de seu estilo.

Embora *A paixão segundo G.H.* pareça, à primeira vista, um caminho novo ou diferente em sua obra, é o resultado mais objetivo de um *pensamento* desenvolvido no decorrer de todos os seus livros. Os personagens sempre tiveram uma dimensão em profundidade, sempre houve em sua obra o predomínio de um pensamento inquiridor (p. 246).

No entendimento de Olga de Sá (1979), essas considerações de Álvaro Lins tratam de uma crítica impressionista, que nota a originalidade, mas não consegue situá-la, “... refugia-se, então, no alibi da idade da autora, de sua falta de experiência humana” (p. 34). Dessa forma, a inexistência de um enredo fechado não necessariamente aponta a um caráter incompleto da obra, em que Clarice perde-se no seu próprio labirinto, mas a um estilo literário da autora.

Não ocorreu a Álvaro Lins, que um romance novo, fora dos moldes tradicionais, como ele mesmo o reconhece, recusaria uma trama com início, meio e fim e poderia terminar com um monólogo da protagonista, ‘aberto’ para as possibilidades que oferece a cavalgada no cavalo novo, à procura do selvagem coração da vida (ibid., p. 34).



Inacabados

Álvaro Lins reafirma a constatação da incompletude com relação à obra *O lustre*, em maio de 1946. Embora observe isso como uma forma negativa, acaba destacando a fragmentação como estilo da obra da autora. Desta forma, o inacabado não se refere a uma ausência de coerência interna, mas uma característica de estilo da escrita literária clariceana que não se situa numa coesão temporal e espacial. Nesta via, Sousa (1996) considera o inacabado como um traço de estilo.

Em “Tempo e repetição: intersecção entre poesia e psicanálise”, Sousa (1996) apresenta reflexões fecundas e claras sobre o tema do inacabado. Inicialmente, menciona uma carta de Freud a Jung, de 17 de outubro de 1909, em que Freud comenta a “exemplaridade do inacabado” na obra de Leonardo da Vinci⁵. A partir disso, Sousa propõe três formas de pensar o inacabado numa relação entre o criador e sua obra que não são, necessariamente, excludentes uma da outra. A primeira é a de que toda obra traz nela mesma uma dimensão do inacabado, uma vez que é uma condição do ato artístico. Isso vai ao encontro do exposto por Freud (1989 [1910]) quando comenta que Leonardo deixou a maioria de suas pinturas sem terminar, não se importando com o destino final de suas obras. “O que ao leigo pode parecer uma obra-prima nunca chega a representar para o criador uma obra de arte completa mas, apenas, a concretização insatisfatória daquilo que tencionava realizar; ele possui uma tênue visão de perfeição, que tenta sempre reproduzir sem nunca conseguir satisfazer-se” (p. 62).

A segunda proposição de Sousa se refere às obras construídas sob a ideia de fragmento, ou seja, nestas o inacabado seria fruto de uma intencionalidade do autor;

⁵ Em 1910, Freud escreve um texto sobre este que foi um dos maiores homens da renascença italiana, intitulado “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”. Essas reflexões freudianas são referências para o tema da sublimação, pois Freud afirma que é devido ao recalçamento da sexualidade de Leonardo que o transforma num grande investigador. A pulsão de saber seria um processo sublimatório da pulsão sexual. No mesmo texto, Freud comenta que Leonardo deixou a maioria de suas pinturas sem terminar, não se importando com o destino final de suas obras. “O que ao leigo pode parecer uma obra-prima nunca chega a representar para o criador uma obra de arte completa, mas, apenas, a concretização insatisfatória daquilo que tencionava realizar; ele possui uma tênue visão de perfeição, que tenta sempre reproduzir sem nunca conseguir satisfazer-se” (1989, p. 62).



enquanto a terceira, se relaciona ao próprio sintoma do artista. Nesta última via, Freud privilegiou sua análise do caso de Leonardo da Vinci.

No entendimento de Sousa, “... essa figura do inacabado desenha no horizonte de sua própria constituição toda uma lógica do retorno, ou seja, voltar ao ponto de origem. O problema é que essa origem está inevitavelmente perdida” (1996, p. 103). Sugere que não devemos “... abordar a ideia do retorno dentro de uma lógica tradicional de espaço e tempo, mas sim dentro do campo conceitual da psicanálise”. Os conceitos de recalque e repetição seriam fundamentais para esse entendimento.

Como na figura do inacabado, o movimento de retorno desvela a impossibilidade de fechar completamente a linha de seu percurso. Restará sempre um pedaço de caminho a fazer. O que é a repetição senão uma tentativa de reencontrar esse terreno interdito? Eis porque toda a repetição indica a divisão do sujeito e aponta para essa melodia composta de fragmentos e interrupções (ibid., p. 289).

Estas reflexões psicanalíticas conduzem à proposição do inacabado como um traço de estilo de criação⁶. Correlacionando isto na obra de Clarice, situamos o término das obras PCS e da HE. Joana, no final da narrativa, segue sem destino, ao encontro de sua infância e de sua morte, na promessa de uma plenitude de vida.

Que terminaria uma vez a longa gestação da infância e de sua dolorosa imaturidade rebentaria seu próprio ser, enfim enfim livre! Não, não, nenhum Deus, quero estar só. E um dia virá, sim, um dia virá em mim a capacidade tão vermelha e afirmativa quanto clara e suave, um dia o que eu fizer será cegamente seguramente inconscientemente, pisando em mim, na minha verdade, tão integralmente lançada no que fizer que seria incapaz de falar, sobretudo um dia virá em que todo meu movimento será criação, nascimento, eu romperei todos os nãos que existem dentro de mim... (Lispector, 1998, p. 201).

Por sua vez, o final de Macabéa é a sua própria morte. Um fim que não se configura como o acabado, pois essa é a “hora da estrela”, da protagonista. Neste momento, o narrador acende um cigarro e se dirige para sua casa.

⁶ Remetemos o leitor a outro artigo do autor: Exílio e estilo. In: *Correio da APPOA*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998, ano VIII, número 14, em que a partir do enunciado laciano “O estilo é o *objeto a*”, o autor propõe pensarmos a própria constituição subjetiva, uma vez que o exílio indica a divisão do sujeito e a produção de um estilo.



Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas – mas eu também?!
Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos.
Sim (Ibid., p. 87).

Nesses dois casos, constatamos indicativos de continuidade das histórias de Joana e Macabéa, como uma certa suspensão da própria narrativa. Em PCS, evidencia-se uma tentativa de retorno a um momento originário, no qual seria possível uma liberdade plena, sem *nãos*; em HE, a liberdade de Macabéa é a própria morte. Retomemos aquelas considerações de Sousa ao indicar que a “figura do inacabado desenha no horizonte de sua própria constituição toda uma lógica do retorno, ou seja, voltar ao ponto de origem” (1996, p. 288). Ponto esse para sempre perdido. No entanto, a tentativa, por vezes incessante, deste retorno, esse processo de repetição pode ser a mola produtora de criação. Pois, a repetição não quer dizer o retorno do mesmo.

Através dessas abordagens, verificamos que o inacabado, apontado por Álvaro Lins como característica negativa da obra de Clarice, faz parte do estilo dessa escritora. Tentamos mostrar isso em dois fragmentos de duas de suas obras, uma do início e outra do final de sua criação. Embora a verificação dessa questão possa se sustentar em outros textos literários, como em sua obra publicada postumamente, *Um sopro de vida*.

Considerações finais

Nestas considerações, foram demonstrados alguns pontos da crítica de Álvaro Lins que permitem verificar o quanto o reconhecimento do estilo de uma obra nem sempre é acolhido de uma forma 'positiva'. No entanto, não deixa de ser uma forma de reconhecimento, sendo possível situar como um reconhecimento às avessas. Buscou-se fazer isso através de uma interlocução com a psicanálise no diálogo com a crítica literária e não, propriamente, na interpretação de uma obra, seja pela via da psicanálise aplicada ou do significante do texto.

Para finalizar, mencionaremos os comentários de Clarice Lispector sobre as considerações de Álvaro Lins expostos num fragmento de uma carta endereçada a



Fernando Sabino, de 19 de junho de 1946, na qual ela descreve sua reação ao ler as observações daquele crítico.

...Álvaro Lins dizendo que meus dois romances são mutilados e incompletos, que Virgínia parece com Joana, que os personagens não têm realidade, que muita gente toma nebulosidade de Claricinha como sendo a própria realidade do romance, que eu brilho sempre, brilho até demais, excessiva exuberância... Com o cansaço de Paris, no meio dos caixotes, femininamente e gripada chorei de desânimo e cansaço. Só quem diz a verdade é quem não gosta da gente ou é indiferente. Tudo o que ele diz é verdade. Não se pode fazer arte só porque se tem um temperamento infeliz ou doidinho. Um desânimo profundo. Pensei que só não deixava de escrever porque trabalhar é minha verdadeira moralidade (Lispector, 2002, p. 86).

O trabalho de Clarice de não recuar diante desta crítica, “trabalhar é minha verdadeira moralidade”, é também um legado: não recuar frente às resistências ao novo. Isto é, não tentar retornar a um ponto de origem, que está sempre perdido, mas produzir originalidade a partir daquilo que se perde, deixando um estilo se produzir numa experiência que é sempre incompleta.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, R. S. (1996). **Literatura e psicanálise**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, BRANCO, L. C.

___ (1995). **Literaterras**: as bordas do corpo literário. São Paulo: Anna Blume.

CASTELLO BRANCO, Lúcia (1994). **A traição de Penélope**. Uma leitura da escrita feminina da memória. Belo Horizonte: UFMG. 383 p. (Tese de doutorado inédita.)

___ (1991). **O que é a escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense.

FREUD, S. (1914 [2010]). Introdução ao narcisismo. In: **Obras completas**. Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos. Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. v. 12.

___ (1910 [1989]). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago.

KEHL, Maria Rita (1998). **Deslocamentos do feminino** – a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago.



LISPECTOR, Clarice (1970 [1998]). **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco.

___ (1943 [1998]). **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco.

___ (2002). **Correspondências**. (Org. Teresa Montero). Rio de Janeiro: Rocco.

LIMA, Luís Costa. (1986). Clarice Lispector. In.: COUTINHO, Afrânio (org.) **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Universidade Federal Fluminense. v. VI.

LINS, Álvaro (1940 [1963]). A experiência incompleta: Clarisse Lispector. In: **Os mortos de sobrecasaca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

NUNES, Benedito. **O mundo de Clarice Lispector**. Manaus: Ed. Governo do Estado do Amazonas, 1966.

OLIVEIRA, I. M. A. (2002). **Fragmentação da narrativa em "A Hora da Estrela"**. Santa Maria: UFSM. (Dissertação de mestrado.)

SCHWARZ, R. (1981). Perto do Coração Selvagem. In.: **A sereia e o desconfiado: ensaios críticos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

SOUSA, E. (1996). Tempo e repetição: intersecção entre poesia e psicanálise. In: SLAVUTZKY, A. & BRITO, C. (orgs.). **Cem anos da psicanálise: história, clínica e perspectiva**. Porto Alegre: Artes Médicas.